

Crislane Palma da Silva Rosa

Mestra e doutoranda pelo Programa de Pos-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO-UFBA)
crislanepsr@gmail.com

MC Luanna e Ajuliacosta: ouvindo representações de controle do corpo e do espaço

Resumo

O artigo apresenta considerações teórico-políticas acerca dos mecanismos de controle do corpo e do espaço com arcabouço fundamentado nas Geografias Negras e Urbana Crítica, nos estudos marxistas e na abordagem feminista negra materialista (ROSA, 2022), que tem como eixo de interpretação a imbricação racismo-sexismo-capitalismo. Para isso, faz-se uma análise das músicas “Rotina” (2022) e “Você parece com vergonha” (2024) das rappers negras brasileiras MC Luanna e Ajuliacosta, respectivamente, no intuito de construir um estudo sobre as coreografias da violência (MOMBAÇA, 2021).

Palavras-chave: mecanismos de controle espacial, rappers negras, divisões racial, sexual e social do espaço.

Abstract

MC LUANNA AND AJULIACOSTA: LISTENING TO REPRESENTATIONS OF CONTROL OF THE BODY AND SPACE

The article presents theoretical-political considerations about the mechanisms of body and space control with a framework based on Black Geographies and Critical Urban, Marxist studies and the black materialist feminist approach (ROSA, 2022), which has as its axis of interpretation the imbrication of racism-sexism-capitalism. To this end, an analysis of the songs “Rotina” (2022) and “Você parece com vergonha” (2024) by black Brazilian rappers MC Luanna and Ajuliacosta, respectively, is made in order to construct a study on the choreographies of violence (MOMBAÇA, 2021).

Key-words: spatial control mechanisms, black female rappers, racial, sexual and social divisions of space.

1. Primeiras palavras

“Beije sua preta em praça pública”, excerto do poema de Lande Onawale publicado em 1991, foi o caminho teórico que me conduziu durante a escrita da dissertação de mestrado defendida em 2022, que resultou no livro de mesmo título publicado em 2024 e se tornou o ponto de partida para a escrita deste artigo. O poema “Bandeira” foi capa do jornal do Movimento Negro Unificado, tornando-se um lema na organização dado o seu potencial político e mobilizador. O beijo em praça pública, que para muitas pessoas pode significar um gesto banal, é símbolo de uma luta que vem sendo travada há anos, tanto em relação ao nosso direito de existir, quanto àquele vinculado ao direito à cidade – se é que podemos separá-los. Isto porque a presença e a demonstração de carinho por pessoas negras e/ou LGBTQIAPN+ em espaços públicos são historicamente limitadas pelos mecanismos de controle espacial geridos pelo Estado, aplicados pelo medo da violência contra nós direcionados; pela desigual distribuição do tempo, resultado das relações de apropriação-exploração-opressão (ROSA, 2024); entre outras possibilidades. O beijo em praça pública, para pessoas negras, é uma ação política.

É preciso fazer um parêntese: durante anos circulou entre nós a imagem da máscara sobre a boca de Anastácia, mulher negra de origem real angolana, sequestrada em África e escravizada na Bahia. Grada Kilomba (2019) nos convida a refletir sobre o impacto da máscara sobre a nossa subjetividade, relacionando a sua representação às tentativas de silenciamento que experienciamos desde a colonização. Para a autora, a Máscara, que tinha sua imposição justificada no controle do consumo de alimentos, teve como principal função “implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura” (KILOMBA, 2019, p. 33). Em se tratando de mulheres negras, tal gesto pode se sustentar na história por diversas vias, mesmo naqueles casos em que estamos falando sobre o que queremos. Nesse ínterim, bell hooks (2019) aponta para a necessidade de enfatizarmos o conteúdo da fala, não apenas o corpo que fala, ainda que para nós, mulheres negras, o ato de falar publicamente seja por si só significativo.

Nas universidades, a presença de intelectuais negras e das nossas manifestações por meio da escrita – o que não se refere apenas à escolha

dos temas, mas também a uma construção estética – continua sendo deliberadamente interdita: ora por serem considerados trabalhos pouco científicos, particulares, pessoais; ora por mergulharem naquilo que Patrícia Hill Collins (2019a) chama de “mais inventividade” na análise dos trabalhos de mulheres negras, reconstruindo um arcabouço teórico-metodológico que não necessariamente coaduna com as referências consideradas clássicas, sendo deslegitimados. Eu me pergunto: quão sofisticados podem ser os mecanismos que atualizam a máscara do silenciamento sobre determinados corpos? Em que medida a análise geográfica pode revelar tais permanências? Como a produção artística de mulheres negras periféricas nos ajuda a compreender possíveis transformações? E de quantas maneiras um beijo em praça pública pode acontecer? Aqui fecho o parêntese.

Após a defesa do mestrado continuei interessada na investigação de práticas espaciais a partir da imbricação racismo-sexismo-capitalismo. Se o beijo pode revelar tantos aspectos acerca da experiência de mulheres negras na cidade, que outras representações me possibilitariam investigar as “coreografias da violência” (MOMBAÇA, 2021)? Essa é uma pergunta que me acompanhará ao longo deste artigo.

Em diálogo com artistas com trajetórias em ascensão¹, é comum notar alguma resistência ao discurso acadêmico. De um modo geral, lê-se a academia como um conjunto de padrões que (de)limitam o caminho da produção, mesmo quando se admite que o trabalho científico exige de nós criatividade. Para artistas que estão nas universidades, é comum separar em pelo menos duas frentes de trabalho: aqui sou artista, aqui sou pesquisadora. Quando retorno à proposta de Patrícia Hill Collins (2019a), noto como tal percurso reforça a fragmentação das nossas identidades restringindo as possibilidades de existência como sujeitas – se consideramos que a integração das nossas possibilidades criativas é um dos caminhos para a autodefinição. A universidade, portanto, continua exigindo uma postura positivista na relação com as nossas experiências, mesmo quando se trata das ciências humanas. E a Geografia tem sido um *locus* disso.

Partirei da abordagem feminista negra materialista (ROSA, 2024), também como um novo exercício de aplicação, que, a meu ver, pode ser uma contribuição relevante para produções geográficas comprometidas com a transformação social. Apresentarei as suas premissas na seção a

seguir, mas vale antecipar que a escrita que cria pontes entre o “eu” e o “nós”, revelando, não raro, aspectos da “vida privada” é um dos aspectos desta abordagem. Isto porque, para Grada Kilomba, a “informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada. Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo” (KILOMBA, 2019, p. 57), e acrescento aqui os relatos de sexismo, classismo e LGBTQIAPN+ fobia. Assim, partirei de experiências e percepções acerca delas, a fim de construir possíveis interpretações para as obras aqui trabalhadas.

No que tange a produção do espaço urbano, tenho me dedicado a analisá-la desde a criação de artistas periféricas, particularmente as que se expressam por meio do rap, considerando as representações que fazem de si e do espaço, mas sobretudo a dialética entre elas. Isto porque, para mulheres negras periféricas, as representações acerca da nossa apropriação têm sido construídas de modo fragmentado².

Parto do pressuposto de que a dialética entre apropriação do corpo e apropriação do espaço (ROSA, 2022; 2024) é uma das relações que estrutura as experiências de mulheres negras a nível material e subjetivo. Se, por um lado, a nossa presença e ausência nos espaços de uso coletivo são necessárias para a produção do espaço urbano, por outro lado, o modo como esse par dialético se reproduz tende a limitar o significado de representações espaciais, interferindo inclusive nas possibilidades de imaginar relações com o espaço que não sejam atravessadas pelos efeitos da apropriação-exploração-opressão sobre os nossos corpos. Nos trabalhos relacionados aos usos e apropriações de espaços públicos é comum enfatizar as presenças e o que por elas é produzido, mas quando deslocamos o olhar para as ausências, encontramos novos elementos para a análise? Se o que foi costurado historicamente como dicotomias (público x privado; presença x ausência; centro x periferia; casa x rua) são, para nós, espaços e condições articuladas corporalmente (ROSA, 2022), como esses processos incidem sobre as nossas subjetividades? Com este texto não tenho o intuito de responder a todas as perguntas, mas traçar algumas considerações para a estruturação mais sólida das mesmas. Em suma: com este artigo pretendo questionar.

No prefácio do livro *Sobrevivendo no Inferno*, do Racionais MC's, Acauam Oliveira afirma que a atuação do grupo foi além de uma “simples

representação da periferia”, ele ajudou a “fundar uma nova subjetividade”, que se desencadeia na emergência de um “sujeito periférico”, este definido como o “morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele”. Nesse caso, os Racionais MC’s, através de “sua radicalidade e seu senso de ‘missão’”, “ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil” (OLIVEIRA, 2018, p. 23). As representações do sujeito periférico e do cotidiano na periferia não raro se resumem às experiências de homens negros, o que me leva a questionar se os retratos, reinvenções e convites para ação da/na periferia assumem a nossa existência como sujeitas e se a voz que se constrói *para si* ecoa em coro com as nossas trajetórias. Os Racionais MC’s capturam a realidade das ruas (D’ANDREA, 2020) e a traduzem com maestria em rimas reverenciadas no país inteiro. Que retratos são encontrados nas representações construídas por mulheres negras das periferias? Como a relação entre espaços públicos e privados, na configuração estabelecida para mulheres negras, atua na construção de suas obras? Ao falarem sobre relações íntimas, também constroem representações da periferia?

Para escrever este artigo, analisei os trabalhos das rappers MC Luanna e Ajuliacosta, particularmente nas músicas “Rotina” (2022) e “Você parece com vergonha” (2024), respectivamente, com o objetivo de apresentar considerações acerca das estratégias de controle espacial desde a imbricação racismo-sexismo-capitalismo. Para construir a análise, me fundamento nas percepções sobre as minhas experiências entrelaçada ao estudo contínuo de escritoras feministas negras como Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Audre Lorde, entre outras, conforme proposto na abordagem feminista negra materialista³. O artigo está estruturado em quatro seções além desta introdução: “Antecedentes teóricos”, onde apresento os referenciais teóricos basilares para a discussão; “MC Luanna: divisão racial do espaço, rotinas e enquadros”, onde discuto a relação entre o regime político heterossexual e a divisão racial do espaço; “Ajuliacosta: divisão sexual do espaço, malandreados e estados de alerta”, onde relaciono as violências sexistas ao controle espacial; e “Considerações finais”, onde teço alguns apontamentos finais, com o intuito de manter abertas as perguntas aqui apresentadas.

2. Antecedentes Teóricos

Com esta seção tenho o intuito de apresentar alguns conceitos que serão abordados ao longo do artigo, não para criar uma seção teórica apartada das análises empíricas, mas a fim de demonstrar as escolhas realizadas. A opção por uma linguagem que, em alguns momentos, destoa das formalidades utilizadas na academia, somada à análise que parte das minhas experiências, já foi interpretada como “pouco rigor teórico”, o que reitera o despreparo para acompanhar produções teóricas que se propõem a destilar suas contribuições a partir de referências interdisciplinares. A meu ver, isso se reflete no pouco diálogo da Geografia com outras áreas de conhecimento nas últimas décadas, e na invisibilização de trabalhos interessados em multiplicar as formas de produção científica⁴.

Para a escrita deste artigo, o arcabouço teórico-conceitual adotado baseia-se na Geografia Urbana Crítica, nas Geografias Negras e nos estudos marxistas, além de fundamentar-se na abordagem feminista negra materialista (ROSA, 2022; 2024)⁵. Parto das seguintes premissas: as relações sociais de sexo, de raça e de classe estão imbricadas, ou seja, interconectadas (COMBAHEE, 2019), de modo que se co-produzem e co-extendem (KERGOAT, 2009), não havendo hierarquia entre elas (LORDE, 2019); que presença e ausência (LEFEBVRE, 2006) de pessoas, ações, instituições são igualmente significativos na interpretação da produção do espaço; que “as relações sociais se realizam na condição de relações espaciais, o que significa que a análise geográfica revela o mundo como prática sócio-espacial” (CARLOS, 2015, p. 13); e que a heterossexualidade é um regime político obrigatório (WITTIG, 2006; CURIEL, 2013) que atua como um “princípio reitor”, de modo a articular todas as relações sociais (FALQUET, 2012).

Ao adotar as influências do feminismo materialista francófono (CISNE, 2014), refiro-me ao “sexismo” e às “relações sociais de sexo”, ao invés de “machismo” e “gênero”, não como reforço à perspectiva biologizante do sexo, mas como um convite a olhá-los como construções sociais que se fundamentam nos mitos da natureza (GUILLAUMIN, 2014; CISNE, 2014). Neste sentido, relações sociais de sexo, assim como as relações sociais de raça e de classe, referem-se a relações estruturais que se produzem

em dialética com as relações interpessoais. O eixo espaço-temporal da imbricação destas relações sociais se dá com a acumulação primitiva do capital, que, segundo Silvia Federici (2017), não significou apenas “acumulação e concentração de trabalhadores exploráveis e de capital”, foi uma “acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora, em que as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a ‘raça’ e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno” (FEDERICI, 2017, p. 119). Assim, o hífen utilizado para falar do capitalismo-sexismo-racismo (em arranjos variáveis ao longo do texto, para reforçar a não hierarquia entre eles) representa esta imbricação, não a redução em uma estrutura única.

No que se refere à produção do espaço urbano, me apoio em Roberto Lobato Corrêa (2004) ao afirmar que a cidade é um todo fragmentado e articulado que tem a segregação como um dos seus resultados. Contudo, toda a produção teórica do autor aponta para a classe social como conteúdo essencial de tal fragmentação, mencionando a raça como um conteúdo secundário. Nas minhas pesquisas, assinalo este mesmo par dialético (fragmentação e articulação) enquanto um processo que é concomitantemente produzido pelas relações sociais de classe, de raça e de sexo, resultando em divisões sociais, raciais e sexuais do espaço – que se coproduzem e se coextendem, tal qual as relações sociais, visto que estas têm o espaço como condição (CARLOS, 2015).

O sentido de periferias baseia-se no conceito de *favelas* proposto por Jorge Luiz Barbosa (2013, p. 119), significando as expressões mais contundentes “do estar sendo das desigualdades que marcam a vida em sociedade em nosso país, em especial nas grandes e médias cidades brasileiras”, como “territórios que colocam em questão o sentido da sociedade e da espacialidade urbana em que vivemos” (BARBOSA, 2013, p. 119). As *favelas* são “expressões do processo discricionário que caracteriza a urbanização do território brasileiro”, denotam “as contradições e os conflitos da urbanização do território” e nos “convocam a assumir movimentos de inovação teórico-conceitual e da prática de investigação das relações entre a produção do espaço urbano, a reprodução das desigualdades e a distinção territorial de direitos” (BARBOSA, 2013, p. 119-121). Ao escrever sobre mulheres negras periféricas, ao invés de faveladas, amplio o seu sentido

(sem torná-las sinônimos), dado que o termo “favela” é menos utilizado em Salvador, de onde escrevo, em comparação com o Rio de Janeiro.

Ao discutir os sentidos de representação para Henri Lefebvre, Angelo Serpa afirma que “as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido” (SERPA, 2021, p. 46). Representar, na perspectiva das/os autoras/es do livro *Representação e Geografia* (SERPA, 2021) extrapola a cartografia, especialmente quando investigamos as práticas espaciais:

Colocar as representações em movimento como desafio é buscar reunir o que a construção do conhecimento separou. E isso vai muito além da reflexão sobre representações cartográficas. Devemos pensar aqui em todas as formas de representar, inclusive porque há outras formas de representação que passam pelo corpo. E a Geografia explora muito pouco isso (SERPA, 2021, p. 58).

Quando me refiro à investigação das representações do espaço na produção artística de mulheres negras da periferia, faço coro ao desafio relatado por Serpa (2021), pondo-a em diálogo com o proposto por Jorge Luiz Barbosa e e Sarah Mirailh (2018):

Para Canevacci (2009), as representações plurais inovam a comunicação na sociedade justamente porque são compostas por sujeitos que refletem *de dentro de suas próprias culturas*. Esta inovação da comunicação só se faz possível devido aos sujeitos que criam culturas a partir de seus territórios de existência, uma vez que mobilizam experiências inscritas no cotidiano de construção de seus atos simbólico-existenciais que lhes são próprias de suas vivências e percepções de mundo. O sentido de “dentro da cultura” deve ser traduzido como corporeidade estética que vibra em encontros presenciais e virtuais de criação e afirmação de pertencas, cujo fundamento é a apropriação e uso do território. É nesta via que os conteúdos dos repertórios manejados pelos jovens, a visibilidade de suas vontades de potência na cena pública e sua condição de ser no/do mundo em seus estilos estéticos ganham força política na cidade (BARBOSA; MIRAILH, 2018, p. 38).

Por fim, é importante demonstrar uma breve relação entre os sentimentos e as práticas espaciais. Antônia dos Santos Garcia (2006) afirma que o medo da violência age como um organizador do espaço. Paula Soto (2018), afirma que:

o medo atua como um poderoso mecanismo para disciplinar coletivamente as mulheres, já que, em termos espaciais, uma das principais consequências na experiência urbana das mulheres latino-americanas tem a ver com a restrições de movimentos pelas cidades, assim como uma diminuição das relações sociais e,

inclusive, a automarginalização dos espaços de fruição pessoal e social (Laub, 2007) (SOTO, 2018, p. 21, tradução minha⁶).

A partir desta perspectiva, encerro esta seção deslocando para cá perguntas que me acompanham há alguns anos:

Seria possível citar diversas formas de exteriorizar a consciência das suas respectivas posições. Patrícia Hill Collins (2019b) fala sobre como somos ensinadas desde muito cedo a resistir ao racismo, o que se materializa nos nossos corpos e comportamento – e se atualiza como uma tecnologia ancestral. bell hooks (2010) (...) relaciona a negação dos nossos sentimentos à necessidade de sobrevivência – haveria nesta negação constante um modo de mover o corpo, de falar e de agir, que continua nos auxiliando na sobrevivência? Tais alterações não significariam ter alguma consciência das violências a que estavam submetidas/os? (ROSA, 2022, p. 338).

3. Mc Luanna: divisão racial do espaço, rotinas e enquadros

Amar outro preto exige, né?
Carinho e cuidado dobrado
Segura minha mão, é menos um enquadro
O mundo é louco e quer sempre um culpado
Na rua, pra eles, nós somos culpados
Segura minha mão, é menos um enquadro
Segura minha mão e não solta
Segura e não solta

Rotina, MC Luanna

Quando tinha entre 15 e 17 anos, era comum que minha mãe e meu pai me levassem a shows de grandes artistas e permitissem que eu caminhasse por alguns trechos acompanhada das minhas amigas. Em geral, eram amigas e amigos com idade similar à minha e “dar uma volta” sem os responsáveis significava ter alguma autonomia. Me recordo que em alguns trechos era mais confortável, para minhas amigas e eu, caminharmos de mãos dadas com os nossos amigos, não só para não nos perdermos, mas para evitar que tivéssemos o nosso corpo invadido por outros homens, como possibilita a relação de apropriação coletiva do corpo. Collete Guillaumin (2014) afirma que as mulheres são consideradas um bem comum, sendo a apropriação a natureza específica de sua opressão, que ocorre de duas formas: material (pela relação de poder) e ideologicamente (pela ideia de natureza, que diz sermos mais naturais que os homens).

Naquela época eu ainda não havia elaborado o significado do sexismo. Não sei como se davam as experiências para os meus amigos, que eram jovens negros de periferia, mas fazendo uma leitura posterior das cenas e me entregando às possíveis falhas da memória, acredito que eles também se sentiam mais seguros, visto que as abordagens policiais os tinham como principais alvos⁷: pele negra, bermuda de veludo da Cyclone, sandália Kenner e boné de “paleta reta” eram, na Bahia, entre 2008 e 2010 marcas que identificavam (ou sugeriam) as suas origens.

De acordo com Denilson Oliveira, na sociedade racista, o “negro como problema espacial para o branco é marcado pela ideia de segurança que nasce carregada de subsídios raciais (MBEMBE, 2014). Segurança significa aí a mensuração do risco para os brancos nas suas trajetórias geográficas” (OLIVEIRA, 2020, p. 321). No processo de socialização, pessoas negras são ensinadas a se comportar de acordo com as normas racistas estabelecidas pela branquitude, entre outros motivos, para garantir o seu ideal de “segurança”: falar baixo, não olhar nos olhos, não andar sem camisa, não correr, não ser espalhafatosa etc. são imperativos reproduzidos por nós há séculos. Com eles, busca-se manter os limites da divisão racial do espaço intactos. Lelia Gonzalez afirma que:

As condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômica no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do lugar natural de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje; a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e o sobrado, aos belos edifícios residenciais atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: das senzalas às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujo modelo são os guetos dos países subdesenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 2018 [1982], p. 145).

O trecho da música Rotina, de MC Luanna, fala sobre amor. Mas não sobre um amor abstrato, sentimento recorrentemente elaborado em poemas e letras criadas pela branquitude, e é por isso que me interessa. Assim como o beijo em praça pública, andar de mãos dadas pode assumir,

para pessoas negras heterossexuais, a sensação de menor insegurança. O “enquadro”, como é chamada a abordagem policial, é uma violência racista-sexista-capitalista, uma vez que acontece sob a justificativa de suspeita sobre o sujeito abordado, e eles são majoritariamente homens negros, como apontam os dados. De mãos dadas com uma mulher, o homem negro pode ser visto como um alvo em menor evidência, se contrastamos com homens negros em grupos ou sozinhos. O vínculo heterossexual não o blindava da violência, mas é tomado como um pequeno obstáculo na escolha do corpo a ser violado⁸.

Jules Falquet (2012) fala sobre a heterossexualidade como um regime político, uma estrutura que articula todas as relações sociais, como um “princípio reitor”. Se retomamos os aspectos apresentados na abordagem feminista negra materialista, ela também incide sobre o modo como as nossas práticas espaciais se desenrolam na cidade. Assumir determinadas posturas e jeitos de corpo são maneiras encontradas para garantir a sobrevivência⁹. Um gesto aparentemente natural, como dar as mãos ao caminhar nas ruas, se complexifica nas relações entre pessoas negras. Quando recordamos que a heterossexualidade é basilar no antagonismo da divisão sexual do trabalho, a intencionalidade que substancia tal estratégia de controle do espaço se revela. A performance da heterossexualidade aparece, portanto, como saída prática às situações racistas, seja na letra da música, seja na experiência que narrei no início do capítulo, o que não significa necessariamente uma elaboração teórica acerca da postura, mas um estudo das coreografias da violência que fazemos pelo corpo – e as suas armas são utilizadas ao avesso.

Vale dizer, porém, que tal performance não tem o mesmo efeito para pessoas LGBTQIAPN+ identificadas como tal. Embora me refira aqui à heterossexualidade como um regime político, o que significa extrapolar as práticas sexuais, no caso de relações homoafetivas ou com/entre pessoas transgênero, por exemplo, “segurar a mão” pode ter o efeito contrário, tornando-se um ato que convida à violência. É um guarda-chuva no qual não cabem todas nós, demonstrando suas próprias brechas e a necessidade de construirmos nossas próprias armas.

Por fim, vale ressaltar as maneiras como as práticas espaciais revelam a articulação entre as divisões social, racial e sexual do espaço e do trabalho,

demonstrando as contribuições da análise geográfica para o estudo das “coreografias da violência”. Os mecanismos de controle espacial, que se produzem em dialética com os mecanismos de controle sobre os nossos corpos, apontam para a sofisticação que atinge a imbricação racismo-sexismo-capitalismo no atual estágio do modo de produção.

4. Ajuliacosta: divisão sexual do espaço, malandreados e estados de alerta

Jura que você não acha que isso é repetitivo?
Parou com o trampo, parece que 'cê perdeu o brilho
Fala minha parceira, o que que foi que aconteceu contigo?
Mas não vai falar, você parece com vergonha
Eu vou tirar essa venda e vou te mostrar sua sombra
Você que 'tá vivendo a mesma coisa e não enxerga
Cadê sua postura? Aquele seu jeito de rua?
Aquele seu malandreado? Seu estado de alerta?

Ajuliacosta em “Você parece com vergonha”

O último relacionamento afetivo-sexual que tive com um homem foi significativo. Era uma relação abusiva, costurada por muitas idas e vindas, e foi marcada por uma situação de violência. Demorei até conseguir assumir tal experiência, tive vergonha, afinal, eu já me reivindicava feminista e, naquela época, parecia contraditório. Demorou um pouco até que eu conseguisse romper completamente com esse vínculo. Morávamos em Camaçari, cidade da Região Metropolitana de Salvador, o que significa ter acesso a poucos equipamentos culturais, poucas opções de lazer em espaços de uso coletivo e círculos de amizade restritos aos mesmos pontos da cidade¹⁰.

Quando consegui romper com a relação, parei de frequentar os bares, as poucas programações culturais e os eventos *undergrounds* da cidade. Nas vezes em que caminhava até a feira central, ficava atenta à possibilidade de encontrá-lo. Evitava saídas “desnecessárias”. Sentia medo. Qualquer possibilidade de cruzar com ele no caminho me assustava, mas, naquele momento, eu não conseguia elaborar o trauma, nem abdicar da sensação de que estava louca, já havia acontecido uma vez, não era uma fantasia¹¹. Os passos seguintes foram: me afastar das amizades que tínhamos em

comum (quase todas), pelo receio do encontro inesperado; e deslocar toda a minha vida social para Salvador, cidade onde inicialmente morava por 1/3 da semana devido às aulas na universidade. Tudo isso aconteceu em um surpreendente silêncio. Meus vínculos se alteraram, os espaços mudaram, e toda a experiência estava marcada pela solidão imposta pelo sexismo. Foi uma experiência de perda, e Camaçari, naquele momento, era o único espaço onde as sensações de familiaridade e pertencimento se faziam presentes.

Deslocar os meus vínculos abruptamente para Salvador significou construir um novo modo de lidar com o espaço. Se, por um lado, tal construção é conduzida com ansiedade e apreensão, por outro lado, há também expectativas positivas na invenção de si em uma capital. Salvador (ainda) amplia, para mim, as possibilidades de existência e de criação. Mas me interessa pensar, neste momento, na transição. Enquanto geógrafas, falamos sobre a produção dos espaços a partir de diversas perspectivas, mas agora me pergunto: de que maneira ausências como a minha produzem cidades? Em que escala esse fenômeno pode se tornar tangível? É possível afirmar que o sexismo atua como um mecanismo de controle espacial? E como isso vem sendo retratado na produção artística de mulheres negras?

Muitas dificuldades são encontradas ao tentar relacionar as experiências individuais e coletivas sem cair na armadilha do essencialismo. Não há uma essência-mulher, nem uma essência-mulher-negra, mas o fato de experienciarmos o sexismo-capitalismo-racismo desde situações sociológicas similares acaba possibilitando alguns cruzamentos na maneira como nos comportamos – e, conseqüentemente, nas nossas práticas espaciais. Embora me interesse, neste caso, trilhar um caminho direcionado pelas minhas particularidades, o encontro com as letras de rappers brasileiras, como Ajúliacosta, ativa a minha memória acerca das situações, levando-me a pensar sobre o que, em termos de espaço, nos vincula como “mulheres negras”. O modo como os mecanismos de controle do espaço se configuram para nós incide sobre a nossa construção de identidade? É possível falar de uma posição subjetiva que se produz a partir dessas experiências? A posição de *outsider within*, proposta por Patricia Hill Collins (2016), é uma posição subjetiva produzida espacialmente? Ochy Curiel, em diálogo com as propostas de Patricia Hill Collins, afirma que:

Tanto a experiência como a consciência sobre ela, neste caso, estão atravessadas pela maneira como se experiencia, se problematiza e se atua em torno do que Hill Collins denomina uma *matriz de dominação*. Esta matriz implica compreender como “interatuam” o racismo, a heterossexualidade, o colonialismo e o classismo, integrando quatro características: *elementos estruturais*, como leis e políticas institucionais; *aspectos disciplinares*, como hierarquias burocráticas e técnicas de vigilância; *elementos hegemônicos*, como ideias e ideologias; e *aspectos interpessoais*, como práticas discriminatórias usuais na experiência cotidiana (CURIEL, 2014, p. 54, grifos no original, tradução minha¹²).

Se consideramos as violências sexistas como um aspecto disciplinar e interpessoal nos termos acima mencionados e analisarmos tais aspectos a partir da condição espacial (CARLOS, 2015), sob a qual as relações sociais se produzem, necessariamente, no espaço, algumas das perguntas começam a ganhar mais elementos para sua fundamentação. A dialética entre divisões racial, social e sexual do trabalho e divisões racial, social e sexual do espaço (ROSA, 2024) substancia a dialética entre condições materiais e subjetivas, assim, o “jeito de rua” ou de não estar na rua configura e é configurado também pela produção do espaço.

A leitura que faço da minha experiência revela um caminho interpretativo: o medo da violência, neste caso personificada pelo meu agressor, me levou a romper as relações imediatas com uma cidade e encarar um modo de vida sozinha na capital. Quando Ajuliacosta (2024) conversa com a sua amiga na música “Você parece com vergonha”, em alguma medida ela convoca elementos da nossa relação com o espaço que se perdem no cenário da violência sexista em contexto íntimo:

Fumando um e ouvindo reliquia / Chapada demais pra dar um salve nas amiga / Dentro de um quarto, com tudo fechado. Tentando bolar um plano pra recuperar a vida. Que vida? / Han, É memo / Cê tinha abandonado tudo, largado o emprego / Dinheiro e independência é o que uma mulher precisa / Não cair na emoção de só ficar pensando em pica / A vida é mais que isso / Esse mano não te merece / Relaxa, dá um tempo / Que o que é seu um dia aparece / Não fica na neurose, cê devia estar mais treinada que isso / Cai em ciclos viciosos por buracos afetivos (AJULIACOSTA, 2024).

Parar de sair de casa, ser isolada de amigas e familiares, deixar de frequentar espaços de sociabilidade são aspectos comuns nas relações abusivas. Quando ela questiona: “Cadê sua postura? Aquele seu jeito de rua? Aquele seu palavreado? Seu estado de alerta?”, Ajuliacosta convida a amiga para estar na rua, que nesse caso também pode significar assumir

uma postura insubmissa. Aqui, a companhia de um homem tem uma função diferente da música Rotina (2022), de MC Luanna, mas continua demonstrando aspectos da imbricação sexismo-capitalismo-racismo e do regime político heterossexual.

Ao mesmo tempo, chama a atenção o convite que ela faz a um “jeito de rua”, uma performance de rua, não raro identificada entre mulheres negras. “Fazer carão”, por exemplo, é um jeito de dispor o corpo com um semblante sério, como um código de delimitação do espaço, que diversas vezes é lido pelas lentes das imagens de controle (COLLINS, 2019b) como sinais de raiva e agressividade. Na leitura que faço, o carão gera uma postura ativa e incisiva que pode evitar algumas aproximações indesejadas. É uma tentativa de “fechar o corpo”, consciente ou inconscientemente. Se considerarmos que o nosso corpo foi tantas vezes violado, acessado contra a nossa vontade, tal tentativa reflete também um histórico de posição anti-sexista-racista-capitalista que se constrói desde uma performance. Uma posição que se faz com o corpo. Tal postura, mais do que dizer sobre as relações sociais no Brasil, criam elos entre corpos de mulheres negras na diáspora – visto que, durante séculos de racismo, nossos códigos são aprendidos e elaborados em diversos espaços de socialização, entre eles o navio, os mercados, as casas e as ruas.

O convite para sair da relação e, conseqüentemente, retomar as suas antigas práticas espaciais (visitar amigas, voltar ao trabalho etc.) não aparece como manifestação política ou com um viés de manifestação pelo direito à cidade, mas como forma de sobreviver. Isso multiplica as possibilidades de interpretação sobre as nossas experiências e revela como as dicotomias casa *versus* rua também ganham sentidos diferentes quando partimos da multiplicidade de experiências entre mulheres negras.

5. Outras palavras

A análise de representações do espaço realizadas por mulheres negras não-geógrafas pode endossar o processo de renovação da Geografia que tem sido direcionado por profissionais comprometidas(os) com a transformação social, ao revelar aspectos sobre a cidade contemporânea ainda

pouco conceituados nesta ciência. Nas últimas duas décadas foi possível perceber uma virada na divulgação das artes urbanas e periféricas em suas mais diversas linguagens, devido à ampliação do acesso à internet e às facilidades veiculadas ao uso das plataformas de áudio e vídeo. Tal virada também se enlaça à força dos discursos sobre representatividade, que pressiona organizações e coletivos artísticos que centralizam historicamente o poder de ditar o que é “a arte”, a olharem para outros corpos e espaços de produção artísticos. Se, por um lado, essa dinâmica é constantemente apropriada pelo neoliberalismo, por outro, tem sido fundamental para que artistas sem acesso a renda e educação formal possam divulgar os seus trabalhos e dialogar com outras pessoas do ramo.

Em Salvador, por exemplo, um público jovem cada vez mais diversificado tem se mobilizado na organização e na participação de/em eventos e espaços de compartilhamento artísticos, a despeito de todas as dificuldades de acesso e mobilidade da cidade. Para mulheres negras, porém, há dificuldades que se distinguem daquelas apontadas por homens negros, dadas as condições que produzem a sua relação com os espaços de uso coletivo, interrompendo, aliás, as suas possibilidades de lugarização, como defendi na dissertação de mestrado. Levando em consideração que tal distinção pode resultar em olhares e percepções sobre a cidade e a periferia a partir de novos ângulos, pensar o modo como as representações do espaço tem aparecido (ou não) em suas obras torna-se fundamental.

Foi nessa perspectiva que propus investigar elementos que aparecem nas obras de MC Luanna e de Ajuliacosta e nos auxiliam nos estudos das coreografias da violência, como proposto por Jota Mombaça (2021), que tem como fim a desestruturação dos sistemas que as forjam. Afinal, um caminho para desmontar as estruturas é compreender minimamente o seu funcionamento e atuar em suas rachaduras. Além disso, os trechos escolhidos revelam o caráter dialético da imbricação racismo-sexismo-capitalismo com o espaço e a multiplicidade de sentidos que as práticas espaciais podem assumir a depender dos corpos que as realizam. Esta reflexão endossa a necessidade de caracterização dos sujeitos analisados em pesquisas geográficas, que, mesmo quando inseridos em pesquisas voltadas para as relações sociais, continuam a invisibilizar as identidades por eles produzidas (o que, até recentemente, era visto como uma opção

metodológica). Permanece uma supervisibilização do Outro, garantindo a neutralidade para o que é normativo.

Noto, com estes apontamentos iniciais, que as políticas de controle do espaço se produzem em dialética com controle sobre os nossos corpos e incide neles por diferentes faces. Desde o enquadro e as performances da heterossexualidade aos relacionamentos abusivos e as presenças e ausências na rua, é relevante observar como as divisões do espaço e do trabalho se sofisticam, imprimindo novos elementos sobre as suas coreografias que só podem ser lidos quando, como apontou bell hooks (2019), voltamos os nossos sentidos aos conteúdos da fala. As músicas de MC Luanna e de Ajuliacosta, portanto, mesmo sem o propósito explícito, mais revelam do que ocultam a produção do espaço urbano.

Notas

- 1 Por ascensão me refiro a receber alguma validação de suas obras por meio da visibilidade e do pagamento pelos seus respectivos trabalhos. Grande parte das artistas negras não são reconhecidas em nenhuma das duas esferas.
- 2 “As exigências e expectativas mencionadas por Neuza Souza se reproduzem a partir da criação de figuras representativas que buscam ‘afirmar a linearidade da ‘natureza negra’ (SOUZA, 1983, p. 27-28), mas também da ‘natureza feminina’: para os primeiros, o reforço é de uma imagem de irracionais, feios, ruins, sensíveis, superpotentes e exóticos (SOUZA, 1983, p. 27); para as segundas, são maternais, delicadas, bonitas, intuitivas, não razoáveis, não têm músculos, têm o temperamento organizador, são fúteis, pesam menos, possuem hormônios que causam instabilidades, correm mais devagar, são o ‘sexo frágil’ etc. (GUILLAUMIN, 2014, p. 79). Estas representações, contudo, são criadas a partir do homem negro e da mulher branca, criando um vácuo na representação para as mulheres negras, algo há muito tempo questionado por mulheres e feministas negras, como Sojourner Truth em 1851, que em seu clássico discurso pergunta: ‘E eu não sou uma mulher?’. Esse vácuo, que durante anos foi silenciado, diz sobre o caráter particular da *apropriação* das mulheres negras, que não significa a soma do racismo ao sexismo, mas uma articulação que possibilita, entre outras coisas, a invisibilização de tal relação. No entanto, a ausência da representação das mulheres negras nos termos como são produzidos ‘o negro’ e a ‘mulher’ não significa a ausência da materialidade de sua *apropriação*, exploração e opressão, ao contrário. Como um efeito social e ideológico, os mitos são um reflexo e não o motivo da *apropriação* material, e a invisibilização em si é uma das particularidades desta relação” (ROSA, 2022, p. 277-278).
- 3 Estudos com esta proposta têm sido resultado das publicações realizadas na Lab Rachadura – Laboratório de Estudos sobre a Imbricação Racismo-Sexismo-Capitalismo, fundado por mim em 2022.
- 4 Como não será possível apresentar com profundidade todos os conceitos mencionados, afirmo que o ponto de partida para esta produção teórica está reunida no livro “Beije sua preta em praça pública”: da apropriação do corpo à apropriação do espaço, publicado em 2024 pela Edufba.
- 5 Este arranjo tem como base a relação entre as contribuições conceituais do feminismo materialista francófono, apresentadas especialmente através das produções das feministas

brancas Colette Guillaumin, Daniele Kergoat e Jules Falquet, e das produções que vêm sendo desenvolvidas nos feminismos negros, sobretudo no Brasil, no Caribe e nos Estados Unidos, por meio de feministas negras como Lélia Gonzalez, Ochy Curiel, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, além da Coletiva Combahee River.

- 6 No original: “el miedo actúa como un mecanismo poderoso para disciplinar colectivamente a las mujeres, ya que en términos espaciales una de las principales consecuencias en la experiencia urbana de las mujeres latinoamericanas tiene que ver con la restricción de movimientos por la ciudad, así como con una disminución de las relaciones sociales e incluso la automarginación de los espacios de disfrute personal y social” (SOTO, 2018, p. 21).
- 7 De acordo com pesquisas realizadas em 2023, crianças e adolescentes negros têm duas vezes mais chances de serem abordadas do que pessoas brancas. Veja mais em: https://www.geledes.org.br/criancas-e-adolescentes-pretos-tem-duas-vezes-mais-chances-de-serem-abordados-pela-policia-do-que-brancos-diz-pesquisa-da-usp/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwqre1BhAqEiwA7g9Qhsr5wnKqbbWPxrueaHmAhTrCU7pWk5BLoBC-rw8OoQxuSKMJZUKBoCGloQAvD_BwE. No relatório realizado pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa no Rio de Janeiro e em São Paulo, consta que “ser negro nos dois estados pesquisados significa ter risco 4,5 vezes maior de sofrer uma abordagem policial, em comparação com uma pessoa branca”. Ver mais em: <https://iddd.org.br/pessoas-negras-tem-4-vezes-mais-chances-de-sofrerem-abordagem-policial/>
- 8 De acordo com a pesquisa realizada no Rio de Janeiro pelo CESAC, “as mulheres (16%) são menos abordadas do que os homens (84%) e menos revistadas quando são abordadas”. Ver mais em: [https://cesecseguranca.com.br/reportagens/pesquisa-mostra-que-63-das-abordagens-policiais-feitas-no-rio-tem-como-alvo-pessoas-negras/#:~:text=As%20mulheres%20\(16%25\)%20são,mulheres%20executadas%20por%20policiais%20homens](https://cesecseguranca.com.br/reportagens/pesquisa-mostra-que-63-das-abordagens-policiais-feitas-no-rio-tem-como-alvo-pessoas-negras/#:~:text=As%20mulheres%20(16%25)%20são,mulheres%20executadas%20por%20policiais%20homens).
- 9 Frieda, uma das interlocutoras do meu livro, fala sobre não andar com fones de ouvido, nem muito próxima à parede quando está sozinha. Opta por não entrar em carros de aplicativos sozinha à noite, entre outras ações. Para homens negros, diversas escolhas cotidianas são naturalizadas. Ver Álbum “Ladrão”, de Djonga.
- 10 Na matéria do G1, construída a partir de dados da OMS: Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2019, 243 milhões de mulheres sofreram violência física, sexual ou psicológica por um parceiro íntimo. O Brasil é o 5º no ranking de feminicídio. Ainda de acordo com a OMS, três em cada cinco mulheres sofrem, sofreram ou sofrerão relacionamentos assim. Durante a pandemia os casos aumentaram em 50%. (...) Esse relacionamento abusivo pode começar de forma sutil, através de comentários que afetem a autonomia e a autoestima da vítima, além de isolar a pessoa da sua rede de apoio. Entre os **sinais de alerta** estão: comportamentos ciumentos, isolamento dos círculos afetivos, desprezo, humilhação, menosprezo, pressão estética e jogos emocionais. Ver em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/especial-publicitario/m-saude-hap-vida/mais-saude/noticia/2023/02/01/psicologo-orienta-como-identificar-e-lidar-com-um-relacionamento-abusivo.ghtml>
- 11 Ainda que não tivesse ocorrido, é importante ressaltar que o medo da violência experienciado por mulheres está fundamentado no fato de que não há segurança mesmo no interior das relações. Segundo o relatório da Rede Observatórios (2024), “a cada 15 horas, cerca de uma mulher foi vítima de feminicídio majoritariamente pelas mãos de parceiro e ex-parceiros (72,70%), munidos de arma branca (em 38,12% dos casos), ou municiados de armas de fogo (23,75%)”. Ver em: <https://drive.google.com/file/d/1FJm76C9gjpYXPCPWGxdjLfasi5ZAuiM/view>
- 12 No original: “Tanto la experiencia como la conciencia de esa experiencia, en su caso, está atravesada por la manera en que se experimenta, se problematiza y se actúa en torno a lo que Hill Collins denomina una matriz de dominación. Esta matriz implica comprender cómo interactúan el racismo, la heterosexualidad, el colonialismo y el clasismo, e integra cuatro características: elementos estructurales, como leyes y políticas institucionales; aspectos disciplinarios, como jerarquías burocráticas y técnicas de vigilancia; elementos hegemónicos o ideas e ideologías; y aspectos interpersonales, prácticas discriminatorias usuales en la experiencia cotidiana” (CURIEL, 2014, p. 54).

Referências

- AJULIACOSTA. **Você parece com vergonha** (música), 2024. Consultado em 08 de julho de 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5r4pDmk3fENDZCc06xrHsJ?si=0726ce7afd654e83>.
- BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson de Souza e. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115-126, 2013.
- BARBOSA, Jorge Luiz; MIRAILH, Sarah. Rodas culturais: estéticas de existência da periferia. In: BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Monique Bezerra da Silva (Org.). **Culturas de Periferia**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2018. p. 34-52.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr.2016.
- COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia Feminista Negra. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autentica, 2019a.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019b.
- COMBAHEE. Manifesto do Coletivo Combahee River. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 26.1, p. 197-207, 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004
- CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Brecha Lesbica em la frontera. 2013.
- CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: **Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista**. Vasco: Hegoa, 2014.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos Cebrap**, v. 39, n. 1, p. 19-36, 2020.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da homossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. Tradução de Renato Aguiar. **Cadernos de Crítica Feminista**, Ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GARCIA, Antônia dos Santos. **Mulheres da cidade d'Oxum**. Salvador: EDUFBA, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez**: Primavera para as rosas negras. (Coletânea). Diáspora Africana, 2018 [1982].

GUILLAUMIN, Colette. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, Veronica; Ávila, Maria Betania; FALQUET, Jules; ABREU, Maria (Org.). **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014. p. 27-99.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÈ, Hélène. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: Contribución a la teoría de las representaciones. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MC Luanna. **Rotina** (música), 2022. Consultado em 08 de julho de 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5lnUkWihFa5guFzLi8y8Hb?si=39ce1ba2c3374df4> .

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O engenho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Denilson Araújo. Questões acerca do genocídio do negro no Brasil. **Revista ABPN**. v. 12, p. 312-335, abril 2020

ROSA, Crislane Palma da Silva. **Quem se apropria do espaço público?** Classe social, raça e sexo sob o olhar do Alto das Pombas, Salvador-BA. 2018. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2018.

ROSA, Crislane Palma da Silva; OLIVEIRA, Luana Farias de. Repensar o feminismo materialista francófono desde Abya Yala: Entrevista com Jules Falquet. **Caderno Espaço Feminino**, v. 34, n. 2, p. 117-132, jul./dez. 2021.

ROSA, Crislane Palma da Silva. **“Beije sua preta em praça pública”**: da apropriação do corpo à apropriação do espaço. 2022. 373 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2022.

ROSA, Crislane Palma da Silva. **“Beije sua preta em praça pública”**: da apropriação do corpo à apropriação do espaço. Salvador: Edufba, 2024.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: Geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SERPA, Angelo (Org.). **Representação e Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2021.

SOTO, Paula. Hacia la construcción de unas geografías de género de la ciudad. Formas plurales de habitar y significar los espacios urbanos en Latinoamérica. **Perspectiva Geográfica**, v. 23, n. 2, p. 13-31, julio-diciembre de 2018.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.

Recebido em 27/05/2025

Aceito em 16/06/2025